



*Pequenos  
Detalhes*

*de Bagé*

*Clarisse Ismério*



*Pequenos detalhes de Bagé*

*Clarisse Ismério*

Ediurcamp  
Bagé/2019

Editora do Centro Universitário da Região da Campanha  
Av. Tupy Silveira, 2099  
CEP 96400-110 - Bagé - RS - Brasil  
Telefone: (53) 3242-8244 - Ramal 231  
e-mail: [ediurcamp@urcamp.edu.br](mailto:ediurcamp@urcamp.edu.br)  
site: [www.ediurcamp.urcamp.edu.br](http://www.ediurcamp.urcamp.edu.br)

FAT - Fundação Áttila Taborda  
Presidente:  
Lia Maria Herzer Quintana

URCAMP - Centro Universitário da Região da Campanha  
Reitora:  
Lia Maria Herzer Quintana

Vice-reitor:  
Fábio Josende Paz

Pró-Reitora Acadêmica:  
Virgínia Paiva Dreux

Gerente Financeiro:  
Sebastião Mansur Kaé

Editor(a):  
Ana Cláudia Kalil Huber

Editor(a) Auxiliar:  
Clarisse Ismério

Assessora Técnica:  
Bibl. Maria Bartira N. C. Taborda

Diagramação:  
Daiana Ornelas Ferreira

Projeto Gráfico:  
Clarisse Ismério e Daiana Ornelas

Revisora:  
Iara Roam Soares

Foto de Capa:  
Clarisse Ismério

#### CONSELHO EDITORIAL

Ana Cláudia Kalil Huber  
Clarisse Ismério  
Fábio Josende Paz  
Fernando Pereira de Menezes  
Sandro Moreira Tuerlinckx  
Virgínia Paiva Dreux

Dra. (Urcamp)  
Dra. (Urcamp)  
Me. (Urcamp)  
Dr. (Urcamp)  
Dr. (Urcamp)  
Me. (Urcamp)

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)


---

183p Ismério, Clarisse.  
Pequenos detalhes de Bagé. / Clarisse Ismério. - Bagé:  
Ediurcamp, 2019.  
63p.  
ISBN: 978-85-63570-74-1

1. Bagé - História. 2. Patrimônio Cultural - Bagé.  
3. Educação Patrimonial. I. Ismério, Clarisse. II. Título.  
CDD: 711.4

Catalogação elaborada pelo Sistema de Bibliotecas FAT / Urcamp  
Bibliotecária Responsável: Maria Bartira N. C. Taborda CRB: 10/782

---



A Raiza e Heitor, pela compreensão e  
apoio em todos os momentos.  
Vocês são a razão da minha vida!



## Sumário

<i>Introdução</i> .....	6
A flor que adorna a Rainha da Fronteira.....	7
Mais Flores.....	10
Colunas: estética e significados.....	12
Boneca ou deus? .....	16
Os símbolos do Hotel do Comércio.....	18
Obelisco .....	21
Conchas .....	23
A história ensinada pelo solar espanhol.....	24
O discreto guardião .....	27
A anja tutelar .....	29
A deusa da agricultura.....	32
Prédio com Brasão .....	34
A Capela do Centro Histórico de Santa Thereza.....	36
Museus a céu aberto .....	40
Educação Patrimonial: muito mais que preservar .....	43
As imagens femininas sob a ótica da arte cemiterial .....	47
Um intelectual entre as colunas .....	53
De general a herói ilustrado .....	56
A simplicidade ativa do visconde .....	62

## *Introdução*

A cidade de Bagé possui um passado marcado por períodos de luta e paz, que se perpetua nos prédios públicos, nos documentos antigos nos contos e representações do imaginário popular, formado ao longo do tempo. Cientes da importância do Patrimônio Cultural local (material e imaterial) iniciamos através de um núcleo de pesquisa, no ano de 2005, projetos voltados à área de Educação Patrimonial.

O objetivo dos projetos era conscientizar a comunidade da importância de conhecer a história e a identidade local, para conservar e proteger seu patrimônio. Segundo Horta (1999) a Educação Patrimonial constitui-se como um instrumento de “alfabetização cultural”, pois possibilita o verdadeiro conhecimento e a apropriação dos valores e significados. Para tanto, é extremamente necessário que ocorra um trabalho permanente e contínuo, atingindo toda a sociedade.

Dentre as muitas ações desenvolvidas, tivemos a oportunidade de dividir os conteúdos com a comunidade por meio de uma coluna semanal num jornal local. A proposta da coluna era contar a história de Bagé através dos pequenos detalhes dos prédios, monumentos e da arte cemiterial.

Nos sábados de dezembro de 2009 a maio de 2010 a proposta da alfabetização cultural era levada aos leitores por intermédio da publicação. Tais artigos também eram postados do site do jornal oportunizando uma maior divulgação dos assuntos tratados. Segundo relataram os editores à aceitação do texto por parte da comunidade foi bastante satisfatória, pois enviavam ao veículo comentários e elogios.

Diante desta experiência podemos constatar a importância de levar as pesquisas desenvolvidas à sociedade através de uma linguagem mais acessível que oportunize conhecimento e reflexão. Só preservamos aquilo que se conhece, portanto, é necessário resgatar o patrimônio e educar a sociedade para que esta possa conservar e valorizar sua história, pois quem preserva sua história não perde sua identidade.

## *A flor que adorna a Rainha da Fronteira*

Quando caminhamos pelas ruas de Bagé, alguns detalhes nos passam despercebidos. Um deles é a paisagem que nos seduz nesta época primaveril. Quem passar nas proximidades da Secretaria de Cultura, também conhecida como Palacete Pedro Osório, terá a oportunidade de se encantar com a beleza dos lírios que a adornam.

Historicamente o lírio é associado à flor-de-lis, principal símbolo heráldico da monarquia francesa, que foi utilizado primeiramente por Luís VIII. Em primeira instância foi considerada como a flor da glória e fonte de fecundidade. Posteriormente foi usada por monarcas, ordens religiosas e guerreiros. No entanto, existe uma controvérsia quanto à representação heráldica da flor. Alguns acreditam que seu desenho foi inspirado na flor íris, devido à coloração amarelada; outros defendem que sua representação heráldica foi persuadida pelo lírio, pois em setembro, nos pântanos franceses, nascem os lírios amarelos.

A flor-de-lis, hoje, é símbolo do escotismo e a mais importante condecoração do principado de Sofia.

A presença desta flor no Palacete Pedro Osório, evidencia a influência francesa presente no Rio Grande do Sul. Inspirada no positivismo de Auguste Comte, expressa através das ideias políticas, arquitetura, literatura e artes.







*Antonio Rocha*

## *Mais Flores...*

Não existe símbolo que melhor represente o universo feminino que as flores. Dentre muitas, a rosa sempre se destaca tanto que possui o título de “rainha das flores”.

Estão entre as mais antigas flores cultivadas há 4.000 anos antes de Cristo, são apreciadas por sua beleza e perfume, utilizadas na ornamentação, perfumes e banhos de imersão. Além de serem usadas como símbolos representativos de dinastias, medalhas, condecorações e dinheiro, sempre mantendo sua beleza própria.

Na Inglaterra ocorreu a Guerra das Duas Rosas (1453-1485), pela conquista do trono inglês, entre a casa real de Lancaster, cujo brasão era uma rosa vermelha, e a casa de York, uma rosa branca.

No Brasil existe a Imperial Ordem da Rosa, medalha honorífica que foi criada pelo Imperador D. Pedro I para eternizar seu casamento com D. Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt.

Para o cristianismo as rosas vermelhas representam o sangue de Cristo, sendo associadas ao nascimento místico. Em outros momentos a rosa branca significa a virgindade feminina, tornando-se símbolo da Virgem Maria. Como Maria é a mãe de todas as mães, a rosa passa a estar ligada a ideia do amor divino, tornando-se o símbolo do amor no mundo.

No Palacete Pedro Osório, existem rosas em relevo que compõem sua ornamentação. Ao centro de cada trio de rosas existe uma margarida.

As margaridas são de origem asiática e europeia, são flores campestres. É o símbolo da modéstia e simplicidade, na era vitoriana era atribuída como designação valorativa das jovens meigas e doces.

Existem vários prédios de nossa cidade com flores belíssimas, cada uma com seu significado mas escolhemos o relevo das rosas e da margarida, por terem um significado muito especial, para homenagear a todas as mães.

Feliz dia das mães! A todas o meu terno abraço.



*Antonio Rocha*



## *Colunas: estética e significados*

As colunas ou pilares são elementos essenciais da arquitetura, pois são ao mesmo tempo o suporte e o eixo das construções. Basicamente são formadas por capitel, fuste e base. São símbolos dos limites do mundo, marcam os limites da vida e da morte. Na tradição céltica representam o eixo do mundo ou ainda a árvore da vida.

As egípcias eram verdadeiros monumentos de pedra, devido às grandes proporções dos templos, cujos temas dos capitéis variavam entre o formato de palma, papiro, campainha virada para cima e emborcada. Existiam também as colunas dedicadas ao deus Osíris e deusa Athor.

As colunas construídas pelos gregos seguiam os modelos estéticos das ordens dórica, jônica e coríntia. A dórica possuía o capitel almofadado e o fuste monolítico e grosso. Sua estrutura simples e severa era a representação da racionalidade do pensamento grego. A imagem sólida e imponente significava, em última análise, as formas masculinas. Já a forma feminina era representada pela influência jônica, pois possuía um fuste mais delgado, a base decorada e no capitel duas espirais úmidas por curvas chamadas de volutas.

As de influência coríntia tinham o capitel decorado por folhas de acanto e quatro espirais simétricas. Sua representação está ligada ao luxo e ostentação, uma vez que as folhas de acanto simbolizam o triunfo sobre as adversidades e a glória devidamente reconhecida.

Foi um estilo bastante utilizado pelos romanos, que construíram também a coluna toscana (uma simplificação da dórica) e a compósita (que mistura no capitel as volutas do jônico e as folhas de acanto da coríntia). Mas os povos greco-romanos não limitaram as colunas para serem meramente estruturas arquitetônicas, as transformaram em monumentos comemorativos aos deuses, heróis e governantes.



Ao observarmos os prédios de nossa cidade nos deparamos com inúmeras formas inspiradas nos estilos clássicos, como por exemplo, em uma casa da Avenida Sete de Setembro, onde encontramos colunas no estilo coríntio.

Não importa se algumas possuem estruturas arquitetônicas ou são somente decorativas, mas sim que contribuem com sua estética e múltiplos significados para a suntuosidade da Rainha da Fronteira.



## *Boneca ou deus?*

Existia em Bagé uma loja de tecidos do Sr. Luiz Kanaan chamada “A Boneca”. Os anos passaram e a loja não existe mais, mas a Casa Boneca ficou no imaginário da população.

Certa vez estava com um grupo de alunas, em um passeio para analisar patrimônio arquitetônico e suas representações simbólicas, e eis que ao chegar na esquina da Tupy Silveira com a Presidente Vargas uma aluna destacou: “Professora esta é a Casa Boneca, tem esse nome por possuir a imagem de boneca no alto da porta de entrada”.

Mas ao verificar os símbolos da tal “boneca” constatei que na realidade era o deus Hermes, protetor do comércio. Se observarmos atentamente a imagem podemos ver que traz o dorso nu, sendo envolvido nas costas por um manto, na mão destaca um pequeno saco de moedas símbolo característico de algumas de suas representações.

Hermes, para os gregos, ou Mercúrio, para os romanos, era o deus do comércio e o mensageiro do Olimpo, símbolo da inteligência industriosa e realizadora. Em outras representações aparece com o gorro alado e o caduceu. O corro alado evidencia a agilidade e elevação. O caduceu, um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes, representa a dupla face do universo, o benéfico e o maléfico, o antagonismo e o equilíbrio cósmico.

O deus Hermes foi uma imagem bastante utilizada nas casas comerciais do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre podemos encontrar no prédio da loja Tumelero, na antiga sede da Prefeitura, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), no banco Safra e na antiga cervejaria Brahma (atual Shopping Total).

O Hermes de Bagé foi colocado na frontaria da antiga Casa Boneca para proteger os negócios, mas com o passar do tempo foi esquecido e confundido com o nome da casa comercial. Cabe-nos agora restituir ao deus sua verdadeira representação.



*Vinicius Menezes*



## *Os símbolos do Hotel do Comércio*

O Hotel do Comércio, fundado em 1842, foi o primeiro hotel de Bagé. E se celebrou por suas acomodações, serviços de cozinha e adega.

Nas paredes externas encontramos representações do capacete alado e caduceu, do deus do comércio Hermes (Mercúrio). O primeiro item evidencia a agilidade, invulnerabilidade, invisibilidade e elevação. Já o caduceu é um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes, representa o sentido do universo, sua dupla face, que pode ser o benéfico ou maléfico, o antagonismo e o equilíbrio cósmico. Seu mito está relacionado ao caos primordial, onde das serpentes lutavam e foram separadas por Hermes. Quando finalmente se enrolaram ao bastão passaram a simbolizar o equilíbrio das forças contrárias.

Em outra versão mítica Hermes teria roubado parte do gado de Apolo, deus do sol e da luz da verdade. Visando se reconciliar, Hermes o presenteou com uma lira (feita de casco de uma tartaruga com cordas de tripas de boi) e uma flauta. Em retribuição Apolo lhe deu o caduceu, que é um dos símbolos mais antigos e pode ser encontrado em vários ritos e mitologias da Índia e Europa.

Atualmente, é tido como símbolo dos cursos de odontologia, farmácia e medicina. Na realidade é o emblema do comércio e da contabilidade, pois a área médica é representada pelo o caduceu de Asclépio, deus da medicina, representado por um bastão tosco com apenas uma serpente enrolada.

Tal erro iconográfico foi causado pelo exército norte-americano que adotou o caduceu de Hermes como insígnia do seu departamento médico. Ainda hoje nos Estados Unidos é usado como símbolo da medicina em Universidades, sociedades médicas, hospitais e instituições públicas e privadas ligadas à saúde.

Os símbolos de Hermes presentes no antigo Hotel do Comércio foram adotados para proteger os negócios e prover bons lucros. Fato que pode ser confirmado através da história do célebre estabelecimento.



*Antonio Rocha*



*Clarisse Ismério*

# Obelisco

Na Praça Gaspar Silveira Martins, existe um obelisco comemorativo ao Centenário de Independência, de autoria de Henrique Tobal, inaugurado em 7 de setembro de 1922.

A origem dos obeliscos está no antigo Egito, eram blocos monolíticos que representavam o primeiro raio de sol, o primeiro contato do deus Rá com os Homens.

O monumento é um pilar de pedra alongado de forma quadrangular, cujo topo tem formato de pirâmide. Os lados possuem inscrições hieroglíficas. E, segundo o historiador Jacques Le Goff, os obeliscos foram os primeiro suporte da escrita, juntamente com as estelas.

Os egípcios possuíam três tipos de escrita: a hieroglífica, composta por ideogramas figurativos (a mais antiga, considerada sagrada), utilizada em túmulos e templos; a hierática, usada pelas pessoas cultas, era uma forma cursiva do hieróglifo; e a demótica, uma simplificação da hierática, muito utilizada em escritos administrativos e no comércio.

As inscrições presentes no obelisco deveriam narrar a vida e as glórias do governante (Faraó) responsável por sua construção, eternizando sua memória. Caso fossem apagadas as inscrições, a história se perdia.

Com o passar do tempo passaram a ter funções ideológicas e políticas, mas continuaram a serem símbolos de dominação, hegemonia cultural e do poder real.

O obelisco mais famoso é o de Luxor, que foi transportado para a Praça da Concórdia, em Paris, mas existem outros espalhados pelo mundo, construídos para lembrarem fatos históricos.

No Rio Grande do Sul existem vários consagrados a Revolução Farroupilha, eternizando o fato em si ou seus heróis, que podem ser encontrados nas cidades de Porto Alegre, Garibaldi, Viamão, Pelotas, Piratini, Novo Hamburgo e Dom Pedrito.





*Clarisse Ismerio*

## *Conchas*

As conchas representam o símbolo da fecundidade feminina e da prosperidade. Na Espanha o nome feminino Concepción é em muitas vezes substituído pelo diminutivo Concha ou Conchita.

Estão presentes no cotidiano das civilizações desde os primórdios sendo utilizadas como alimento, adorno, ferramenta ou arma. O antropólogo Iaw Malinovski, identificou que as conchas, na forma de braceletes (mwali) e ou em colares (suala), eram usadas em um sistema de troca (kula), por algumas tribos das ilhas do pacífico ocidental.

Na mitologia indiana são consideradas símbolos de poder, pois seu som afasta os maus espíritos, as criaturas do mal e os desastres naturais.

Mas a iconografia mais famosa é o quadro de Sandro Botticelli, o nascimento de Vênus (Afrodite), que na tradição greco-romana era a deusa do amor, da beleza corporal e do sexo, e teria nascido da espuma do mar.

No catolicismo, a concha é associada ao ritual do batismo, pois seu formato lembra a pia batismal. Os peregrinos que fazem o caminho de Compostella a utilizam em bastões, nas roupas ou chapéus, uma vez que também é insígnia de São Tiago.

Esse objeto tornou-se, com o passar dos anos, símbolo de status entre chineses e japoneses, pois se tornaram peças raras de coleções.

Em nossa cidade existe uma casa, localizada na rua Marechal Floriano, cujos adornos são belas conchas douradas. Embora despercebidas guardam eternos significados.

## *A história ensinada pelo solar espanhol*

Quando olhamos para o majestoso Solar da Sociedade Espanhola, estamos diante de uma verdadeira aula de história. Como isso é possível? Observando os símbolos representativos presentes em sua fachada.

Na parte central, no alto do prédio, existe a figura de um globo e ao seu redor volutas, que pela distância transformam-se em grandes peixes. Segundo antigos moradores de Bagé, sob o globo existia uma caravela, o que nos permite deduzir que as representações se referem às conquistas marítimas espanholas.

Logo nos vêm à mente as narrativas mitológicas sobre o Oceano Atlântico antes das grandes navegações.

Nesse período o Atlântico era conhecido como “mar tenebroso”, pois os marinheiros imaginavam que em suas águas existiam monstros marinhos gigantes, que destruíam as embarcações e devoravam a tripulação. Outro mito da época era que o mundo era plano e que a linha do horizonte era seu limite. Aquele que ousasse navegar até lá cairia em um grande abismo.

Com a mudança gradativa na mentalidade europeia proporcionada pelo desenvolvimento científico através do geocentrismo e antropocentrismo, o medo do desconhecido foi posto de lado e o homem lançou-se nas águas do Atlântico.

Apesar dos portugueses serem os pioneiros nas técnicas de navegação e por conquistarem o litoral africano, coube a Espanha, em 1492 investir no plano navegador do genovês Cristóvão Colombo: a primeira viagem de circunavegação. A partir deste empreendimento a Espanha passou a dividir com Portugal os domínios de terra e mar (Tratado de Tordesilhas, 1494).

Já no século XVI, sob o governo de Carlos V, a Espanha tornou-se uma grande potência devido a extensão de seus domínios territoriais e pelas riquezas extraídas do continente americano.

As figuras centrais do Solar são protegidas por leões guardiões. Por ser

considerado o rei dos animais agrega a simbologia do poder, da sabedoria e justiça. Sua imagem está sempre presente nas insígnias e brasões de monarcas e deuses. No Solar evidenciam o apoio e a proteção que os monarcas espanhóis, Fernando II (de Aragão) e Isabel I (de Castela), deram ao projeto das navegações.

As colunas ao estilo coríntio complementam a estética neoclássica do prédio. O imponente Solar abriga desde 1921 o Instituto Municipal de Belas Artes Rita Jobim de Vasconcellos (IMBA).

Podemos constatar que o Solar da Sociedade Espanhola é um verdadeiro livro de história, que através de seus símbolos ensina a cultura espanhola para todos os bajeenses.





*Stela Vasconcelos*

## *O discreto guardião*

Nos últimos dias de 2009 uma preocupação permeia os pensamentos de várias pessoas: iniciar o ano buscando proteção para guiar os passos por esse novo ciclo que inicia

A procura pela proteção contra o desconhecido faz parte da história da humanidade. Cada povo construiu seus deuses, totens, amuletos e guardiões para protegê-los e guiá-los.

Os egípcios tinham como guardiões das pirâmides as esfinges, com corpo de leão e cabeça humana ou de falcão. Ou ainda o chacal, representação de Anúbis, deus dos mumificadores.

Os povos que se aventuravam no mar também tinham seus protetores na proa dos barcos: os fenícios e gregos com representações de seus deuses; os vikings com serpentes de dragões; e os espanhóis e portugueses, as carrancas. Essas eram cabeças de forma humana ou de animal, com expressões agressivas que inicialmente eram colocadas na proa dos navios para afastar o perigo e os maus espíritos.

São bastante comuns nas embarcações brasileiras que navegam pelo rio São Francisco. Com o tempo foram adaptadas e passaram a adornar chafarizes, bicas, frontarias e portas.

As pessoas que passam na esquina Marechal Floriano esquina com Dr. Ismael Soares, em Bagé, não imaginam que estão sendo observados por um guardião discreto. Se olharmos para cima, na frontaria da casa que fica na esquina das duas ruas vemos uma carranca. Ele é um guardião discreto que, mesmo sem ser notado, zela pelos bajeenses.



## *A anja tutelar*

Em um tradicional passeio de domingo observava os símbolos e representações que adornam as casas de Bagé, e me deparei com a magnífica residência localizada na rua João Teles, propriedade do senhor José Cypriano Nunes Vieira.

Uma casa azul, enfeitada com colunas brancas ao estilo jônico. Ao centro, na parte superior acima da porta uma anja jovem rodeada por delicadas flores.

Uma anja? Mas de qual sexo são os anjos?

Através da história podemos observar os anjos sofreram alterações em sua imagem e atributos, sendo que tais elementos acrescidos são fruto do imaginário popular de cada período.

Essas criaturas celestes são apresentadas como intermediários entre Deus e mundo, tendo o papel de executar as ordens do Senhor, transmitindo os sinais do sagrado, as advertências e punições. A apresentação dos arcanjos (Miguel, Gabriel e Rafael) na Sagrada Escritura e nas obras do período da Contra-Reforma era a bélica, ou seja, todos possuíam armadura para lutar contra os inimigos da fé. Essa forma esta dentro do pensamento construído durante o concílio de Trento, que propunha o ideal da guerra santa através da catequização, levando assim a cristandade aos povos pagãos.

A imagem do anjo guerreiro mudou com o passar do tempo. Buscou-se a postura de protetor e representante dos homens perante Deus. Isso ocorreu devido à mudança do pensamento cristão, que deixou de lado a postura guerreira para ocupar-se da representação de condutor do rebanho.

No século XIX os anjos passaram a ter duas representações sucessivamente, inicialmente como um jovem e uma figura feminina de formas arredondadas.

Já no início do século XX a representação feminina do anjo ressaltava o papel da mulher de guardiã, consoladora e orientadora.

Ao longo do tempo a figura feminina já sido utilizada como símbolo de



proteção e político. Na Grécia antiga existiam cidades que eram protegidas por deusas - Atena, Cibele e Réia - que por serem mães generosas abrigavam seus filhos. A representação mulher nos emblemas políticos era uma herança da Revolução Francesa, que elegeu Marianne o signo máximo da nova ordem.

Para o pai do Positivismo e da Religião da Humanidade, Auguste Comte, a mulher deveria guardar e proteger o lar, exercendo o papel de “anja tutelar”, um modelo exemplar que deveria ser imitado por todas as mulheres.

Alheia as mudanças da pós-modernidade jovem anja desempenha seu papel de protetora do lar. E de forma silenciosa, emoldurada por colunas, observa os passantes que devido a correria do dia-a-dia não param para apreciar sua real beleza.



## *A Deusa da Agricultura*

Outro dia encontrei Guilherme Cassão Marques Bragança, mais conhecido como o violinista do Sarau Noturno. Nesse encontro ele me chamou a atenção para uma imagem feminina que se encontra no prédio da 2ª Delegacia de Polícia, localizado na Avenida Marechal Floriano Peixoto.

No prédio encontramos a deusa da Agricultura Deméter, para os gregos, ou Ceres, para os romanos, filha de Cronos e Réia, irmã e amante de Zeus e mãe de Perséfone. Seu culto estava ligado à maternidade, semeadura, colheita e as estações do ano.

Caracteriza-se como sendo a deusa da civilização, uma vez que a atividade agrícola foi responsável pela sedentarização dos grupos humanos, desenvolvimento de tecnologia específica e dos códigos sociais.

O trigo era seu principal símbolo, que representava a civilização e ouro, mas também aparecia com uma cesta ou cornucópia cheia de grãos, flores e frutos.

Sua releitura presente no prédio da delegacia a apresenta um rosto jovem emoldurado por um brasão celebrativo. O acabamento é dado por volumosas guirlandas de uvas, representando a fartura e opulência.

No alto guardando a deusa-mãe encontram-se leões com guirlandas de flores.

Apesar de estar em uma posição de destaque, seu significado foi esquecido com o tempo, embora a atividade agrícola ainda ocupe a base da economia do município.



*Clarisse Ismério*



*Clarisse Ismério*



## *Prédio com Brasão*

No centro de Bagé, mais especificamente na Rua Salgado Filho, existe um suntuoso prédio azul. Chama a atenção por suas linhas harmônicas e monumentais. No alto de sua frontaria encontramos um brasão.

O brasão de armas tem sua origem na Europa Medieval, onde inicialmente era usado para diferenciar os cavaleiros aliados e inimigos durante as batalhas. Com o passar do tempo foram ficando mais aperfeiçoados e serviam como símbolos distintivos das famílias nobres. Nessa época era considerada nobre a família possuidora de terras, de influência política e tradição bélica.

Os brasões eram hereditários e através da sua representação simbólica permitiam identificar a riqueza da família, os serviços prestados ao rei, os feitos heróicos e atividades dos antepassados.

Ao serem criados deveriam seguir as regras estabelecidas pela Heráldica (ciência ou arte dos brasões). A estrutura era formada a partir de um escudo, acrescido de cores (divididas em metais, esmaltes e peles), faixas e símbolos, tais como leões, cavalos, elmos, flor-de-lis, espadas, cruces e seres mitológicos. Podia trazer também elementos ligados à atividade agrícola.

Atualmente são símbolos identitários de cidades, estados, países, associações, times de futebol, entre outros.

No brasão, do prédio em questão, podemos observar que está organizado através de um escudo invertido e dividido por faixas. No centro encontra-se uma espada estilizada (símbolo do estado militar que contempla a bravura, virtude e poder) e um escudo (proteção) menor redondo, no qual está a data da criação do prédio e as iniciais do antigo proprietário.

O brasão em questão pertenceu ao visconde Ribeiro de Magalhães, Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, que em 1897 fundou a Charqueada de Santa Thereza, que foi considerada um símbolo da modernização de Bagé.



## *A Capela do Centro Histórico de Santa Thereza*

Em uma de nossas tardes ensolaradas de outono estive no Centro Histórico da Vila de Santa Thereza pra analisar os símbolos que compõem a fachada da capela. Lá fui gentilmente recebida por Eliane Pacheco que me mostrou os encantos do santuário e falou sobre a história de Santa Thereza.

A capela de Santa Thereza foi projetada pelo arquiteto Pedro Obino, em 1909, a pedido do próspero empreendedor Antônio Nunes Ribeiro de Magalhães, visconde Ribeiro de Magalhães.

O templo foi consagrado a Santa Thereza, que nasceu em Ávila, na Espanha, no ano de 1515. Thereza era uma mulher lutadora que dedicou sua vida a Jesus Cristo e a reformar a Ordem dos Carmelitas, para que seguissem a norma antiga da clausura.

Durante sua vida fundou 32 mosteiros, sendo 17 femininos e 15 masculinos. Escreveu as famosas obras: “Caminho de perfeição”, “Moradas ou Castelo Interior” e “Livro da vida”, além do poema “Nada te perturbe”. Foi canonizada em 1622 e em 1970, recebeu do papa Paulo VI o título de doutora da Igreja.

Ornamentando a capela encontramos belos anjos, que se distribuem entre a fachada, colunas e frontão. Mas o que nos chama a atenção é um dos símbolos acima das duas colunas da entrada: o coração. Ao constatar o coração, representação do sentimento e da virtude, primeiramente achamos que se tratava do Sagrado Coração de Cristo, mas ao olharmos mais atentamente observamos que não traz a coroa de espinhos ao redor.

Existe uma forte evidência que nos faz afirmar que tal símbolo é para lembrar a passagem da história de Thereza, que em um de seus êxtases místicos, um anjo transpassou seu coração com uma seta de fogo, simbolizando o amor divino. Atualmente, o coração que apresenta uma larga e profunda ferida, está guardado num relicário na Igreja das Carmelitas em Alba.

Tal fato é comemorado em 27 de agosto pela Ordem Carmelitana como a festa da transverberação do coração de Santa Thereza. E foi eternizado por Gian Lorenzo

Bernini na escultura barroca “Êxtase de Santa Thereza”, que está Capela Cornaro, Igreja de Santa Maria da Vitória, Roma.

Junto do coração existem outros símbolos, como a espada em formato de cruz, uma ancora ou chicote e ramos de oliveiras. A espada é a principal representação do arcanjo Miguel, que une para si poder da vida e da morte, por isso seu formato de cruz. Expressa a guerra, paz e honra, mas sobretudo a vontade divina, a superioridade do espírito sobre a matéria e o ego.

Ficamos em dúvida se um símbolo se era uma ancora ou chicote, sendo assim vamos interpretar os dois. A âncora representa a firmeza, segurança, tranquilidade e fidelidade, muito comum nas alegorias do Cemitério da Santa Casa de Bagé. Já o chicote é o poder da lei, muitas vezes seus açoites são comparados aos raios, eram insígnias de poder dos Faraós e de Iansã.

Os ramos de oliveira são a força espiritual, do conhecimento e principalmente da paz. Era consagrada na Antigüidade a deusa Atena deusa da sabedoria, das ciências, das artes.

O fato é que todos o símbolos analisados expressam as múltiplas qualidades de Thereza, pois sua história foi marcada por muita luta, dedicação e austeridade.

Devemos parabenizar Marilu Teixeira da Luz e Eliane Pacheco, pois essas mulheres são guardiãs de um tesouro inestimável.







*Clárisse Ismério*

## *Museus a céu aberto*

Os cemitérios caracterizam-se por serem o local da última morada dos mortos. Na idade média os mortos eram enterrados fora do perímetro urbano, mas como a Igreja passou a ser definida como “espaço sagrado”, muitos passaram a ser depositados em seu solo.

A partir do século XVIII, devido à preocupação com os princípios de higiene que visavam conter as constantes epidemias, os mortos passaram a ser enterrados em lugares mais afastados do perímetro urbano. Nesse período cresceu a preocupação com a estética dos túmulos, jazigos e mausoléus, fruto do gosto peculiar da burguesia ascendente.

Tornaram-se gradativamente instituições culturais, muito mais que o último lugar de descanso, passaram a ser um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam.

Tanto na Europa como nos Estados Unidos, os cemitérios perderam gradativamente o seu aspecto mórbido e desolador para tornarem-se um local de convivência e sociabilidade. Por guardarem os restos mortais de figuras ilustres transformaram-se em guardiões da cultura e da memória de seu povo.

Um fator que auxiliou esta visão foi a difusão das ideias positivistas, pois Auguste Comte através da máxima: “Os vivos são sempre e, cada vez mais, governados pelos mortos”, justificava que a memória e os feitos dos heróis e homens notáveis do passado deveria servir de exemplo e inspiração para as futuras gerações.

O mesmo processo ocorreu nos cemitérios brasileiros que formaram, ao longo do tempo, um acervo de grande valor artístico e histórico, sendo esses analisados por meio de pesquisas de Maria Elizia Borges e Harry Bellomo, entre outros historiadores.

Cada cemitério é um museu que possibilita resgatar a história das famílias tradicionais, a mobilidade social e sua mentalidade, fruto da importância política e da opulência econômica dos municípios.



Na cidade de Bagé encontra-se o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (1858), cujo acervo escultórico possui mausoléus e túmulos de grande riqueza, tanto por seu valor artístico como por traduzir a mentalidade e história de uma época na qual a cidade era chamada de “Rainha da Fronteira”.

Diante dessa importância desenvolvemos uma pesquisa que buscou refletir a história de Bagé através da Arte Cemiterial, buscando destacar aspectos culturais, políticos, econômicos, sociais e a mentalidade local.

Constatamos que cada família ou vulto histórico escolhia a forma que pretendia ser eternizado de acordo com a opulência de seus jazigos ou mausoléus ou da releitura dos símbolos presentes no imaginário social.

Com isso iremos, a partir de sábado, apresentar aos leitores do Folha do Sul alguns resultados dessa pesquisa, procurando sensibilizá-los e convidando-os a ver o acervo escultórico do cemitério com “outros olhos”.

Vamos todos apreciar o nosso museu a céu aberto!





## *Educação Patrimonial: muito mais que preservar*

A dimensão sociocultural é um fator de grande importância para que se atinja o desenvolvimento de uma região, pois os valores, tradições e a mentalidade são os elementos que identificam e permitem um conhecimento mais significativo do local e um aprimoramento do capital humano e social.

No novo paradigma do desenvolvimento o ser humano tornou-se o vetor do processo de sustentabilidade das regiões, com isso, a peça chave para a formação deste agente transformador do conhecimento é a preservação do Patrimônio Cultural.

O Patrimônio Cultural (material e imaterial) é construído por monumentos, prédios, conjuntos arquitetônicos, obras artísticas e também por manifestações e símbolos populares que formam ao longo do tempo a identidade do país ou da região, que são especificamente as festas, tradições, lendas urbanas, danças e comidas típicas.

A preservação da cultura de uma cidade, bem como todo o seu patrimônio deve ser uma meta de toda comunidade, mas para que isso ocorra é necessário que haja uma conscientização dos grupos sociais para que veja sua história como seu bem mais precioso.

Um projeto de conscientização da sociedade deve ser realizado através da Educação Patrimonial, que segundo Maria de Lourdes Parreira Horta atua como um instrumento de “alfabetização cultural”, pois possibilita a aquisição do verdadeiro conhecimento e a apropriação dos valores e significados de cada comunidade.

Maria de Lourdes exerceu o cargo de diretora do Museu Imperial de Petrópolis até o ano de 2008. Foi a grande responsável por difundir a Educação Patrimonial, através de seus projetos, artigos, palestras e da publicação do Guia Básico de Educação Patrimonial, publicado em 1999 pelo Museu Imperial, IPHAN e MinC. Participaram também da autoria do livro Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro.

O Guia Básico é uma obra extremamente didática e simples que trata dos fundamentos conceituais e práticos da metodologia da Educação Patrimonial. Com o tempo tornou-se a principal referência dos projetos voltados para desenvolver a alfabetização cultural.

A formação da ideia de Educação Patrimonial deve ser realizada pelas escolas ou por instituições que desenvolvam atividades culturais, proporcionando as pessoas o contato direto com o patrimônio, para que tenham a oportunidade conhecer, observar, questionar e registrar as informações.

Cada cidade possui sua riqueza patrimonial, tais como prédios, casas, praças e monumentos, que mesmo fazendo parte do cotidiano de cada morador, são deixados ao acaso. Esse quadro deve ser mudado através de projetos educativos, permitam que toda a sociedade tenha a oportunidade de se alfabetizar culturalmente.

O trabalho pedagógico desenvolvido através da Educação Patrimonial, busca reordenar os fragmentos de memória do passado, reconstruindo as identidades e a cultura local e por fim contribuir para o exercício da cidadania.

Em nossa cidade existem exemplos de projetos voltados para a Educação Patrimonial como Educação Patrimonial: a escola vai ao Museu e Sarau Noturno.

O projeto Educação Patrimonial: a escola vai ao Museu iniciou em 2007 sendo idealizado e coordenado pela professora Regina Quitanilha. Uma vez colocado em prática deu a oportunidade as crianças de desenvolverem atividades escolares no Museu, fazendo o reconhecimento dos objetos que fazem parte de sua história. Ao mesmo tempo esclareceu o significado e a importância da preservação do patrimônio material e imaterial para professores e alunos.

O Sarau Noturno, criado em 2008, nasceu do Projeto História através da Arte Cemiterial, no qual foi desenvolvido uma pesquisa sistemática nos túmulos, jazigos e mausoléus no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. Por entender que este cemitério caracteriza-se como uma “instituição cultural”, buscou-se desenvolver neste espaço um evento cultural, para contar um pouco da história de Bagé e de seu imaginário simbólico mesclando com passagens e personagens da literatura romântica. Trata-se de um projeto que desenvolve a metodologia da Educação Patrimonial, pois sensibiliza e convida a população a ver o acervo escultórico do cemitério com “outros olhos”.

Com o desenvolvimento de projetos em Educação Patrimonial contribuiu-se para a evolução de uma região, pois ao se promover a alfabetização cultural colabora-se para o processo de formação do capital social e o crescimento de sua autoestima, elementos significativos para que ocorra mais participação social, equidade e sustentabilidade.

Só se preserva aquilo que se conhece, portanto, é necessário resgatar o patrimônio e educar a sociedade para que esta possa conservar e valorizar sua história, pois quem preserva sua história não perde sua identidade.





*Jeferson Vainer*

## *As imagens femininas sob a ótica da arte cemiterial*

Nos cemitérios de todo o mundo é comum encontrarmos figuras femininas que são representadas como símbolos ou ações humanas. Uma vez que a mulher era consoladora, orientadora e guardiã da sua família. Tais figuras também estão presentes no Cemitério da Santa Casa de Bagé.

Em outros artigos falamos das representações de anjas, musas e da alegoria do heroísmo. Nesse abordaremos outros temas referentes ao universo feminino que são carregados de expressão e simbolismo.

Destacamos primeiramente as carpideiras que representam o dor e a perda (imagem 1). Eram mulheres pagas para chorar nos velórios e enterros, que com o choro comoviam todos. Essa foi uma das mais antigas profissões femininas, pois encontramos referências nas pinturas egípcias (presentes nos hipogeus, túmulos escavados nas encostas de montanhas) e em relatos bíblicos. Atualmente, devido à crise econômica mundial, esta atividade feminina foi retomada na Espanha.

A alegoria da saudade é uma mulher triste que segura uma coroa de flores, pode estar sentada ou debruçada sob o túmulo. Quando aparece abraçada a cruz, agregam também a ideia da fé (imagem 2). Pode ainda representar a saudade e a esperança, quando se apresenta com uma estrela na testa (esperança) e olhando para o céu (imagem 3).

Existem imagens da Virgem Maria, que segundo o catolicismo, era o grande modelo a ser seguido pelas mulheres de boa índole, pois representa a submissão, pureza e resignação. A imagem que destacamos foi inspirada na Pietá de Michelangelo, simbolismo da mãe chorosa que lamenta a perda de um filho querido (imagem 4).

Apesar das características próprias todas as figuras femininas resumem-se na representação da “viúva eterna” e da “guardiã da moral”, consagradas pelo positivismo.

Através da arte cemiterial as imagens femininas transformam-se em viúvas eternas que zelam pela memória das famílias ilustres.



*Douglas lemos de Quadros*





*Douglas lemos de Quadros*



*Diones Alves*



*Douglas lemos de Quadros*

## *Um intelectual entre as colunas*

No cemitério da Santa Casa de Bagé existe um mausoléu todo de mármore de Carrara cuja estrutura arquitetônica é inspirada em um templo grego.

Caros leitores, apresento-lhes o imigrante espanhol Francisco Ilarregui, que veio para Bagé e, com o passar do tempo, tornou-se um próspero comerciante e um cidadão preocupado com as causas sociais. Mas não se fez representar como comerciante em seu leito de morte, buscando ser eternizado como um herói letrado, um intelectual entre as colunas.

Em seu templo formado por colunas coríntias, encontra-se representado através de um busto celebrativo sob um caixão. O busto é uma escultura de tradição romana, por eles herdada dos etruscos, era confeccionada para perpetuar imperadores e homens da sociedade para serem cultuados por seus pares e pelas gerações futuras. Por isso, tentava reproduzir com o máximo de realismo as feições do homenageado.

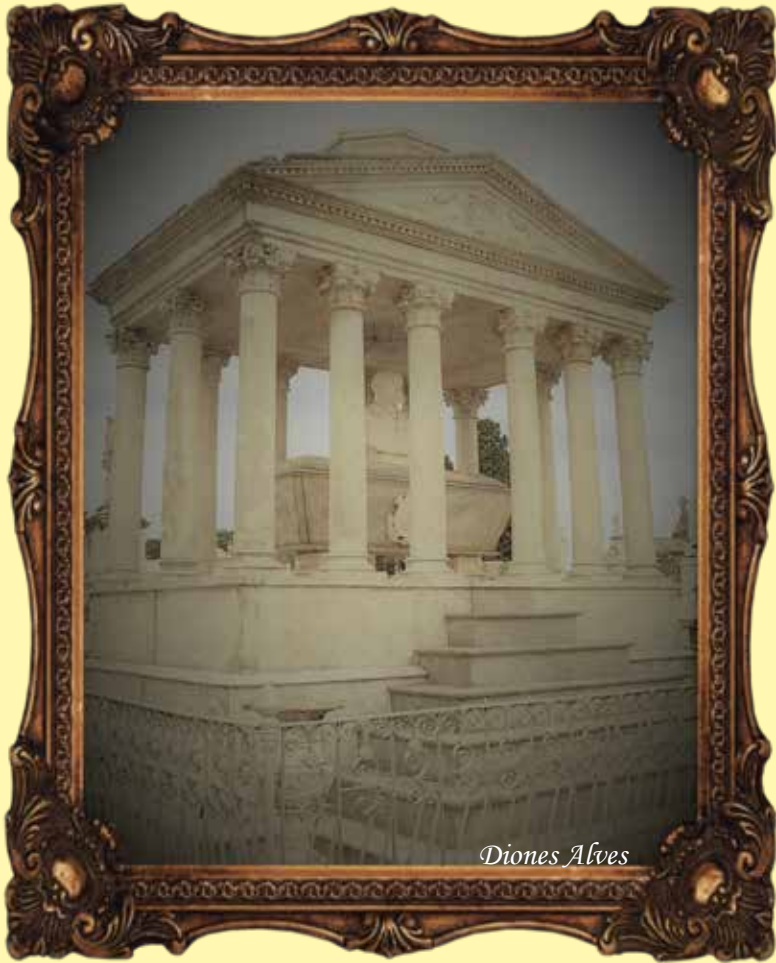
No detalhe do frontão do templo destacam-se dois símbolos: uma ampulheta alada e tochas que se apagam. A ampulheta simboliza a passagem do tempo e a transitoriedade da vida. Quando representada com asas mostra que o tempo se esvai muito rápido. As tochas são símbolos de iluminação espiritual e do conhecimento, quando aparecem cruzadas e invertidas representam o luto ou ainda a morte. A mensagem expressa no relevo central do jazigo reflete sobre o tempo que se esvai muito rápido e a certeza da morte.

O conjunto mostra a opulência de um homem que na morte quer ser representado como intelectual que descansa em sua acrópole particular. Por meio dos símbolos nos deixa uma mensagem: que todos devem respeitar a morte... Mas devem também aproveitar e celebrar a vida!





*Diones Alves*



## *De general a herói ilustrado*

O Cemitério da Santa Casa de Bagé possui um conjunto de túmulos de invejável valor histórico. Em seu acervo existem túmulos de figuras notórias da sociedade, envolvendo mausoléus de famílias tradicionais e de heróis da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai.

A arte cemiterial revela forte influência do culto ao herói, amplamente difundido pela influência positivista. Um exemplo no qual podemos observar essa característica é no mausoléu de Antônio de Souza Netto.

Netto mandou construir seu túmulo na Itália, todo em mármore de Carrara, sendo esse transportado em blocos e reconstruído no cemitério de Bagé.

Apesar de seu perfil militar, tendo participado da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai, não se fez representar como um general em seu leito de morte. Pelo contrário, preferiu ser eternizado iconograficamente como um herói ilustrado, ao invés da farda, veste terno e gravada, que na época eram símbolos de sobriedade e elegância.

Sua imagem está representada na parte central do túmulo em um brasão celebrativo rodeado de flores. As flores, genericamente, são símbolos da saudade, mas podemos identificar dois tipos com seus significados próprios: camélia (perfeição) e jasmim (elegância).

Acompanhando Netto existem figuras femininas. A primeira imagem, que fica sob o túmulo é uma anja guardiã orante, que zela pela moral e pelos valores cristãos. Uma segunda, localizada a direita, é a alegoria do heroísmo, destacada por uma jovem com o semblante triste e no seu colo encontra-se uma coroa de louros. A coroa de louros, símbolo da vitória e da glória, na antiguidade clássica era uma homenagem atribuída a heróis e atletas.

Acompanhando Netto existem figuras femininas. A primeira imagem, que fica sob o túmulo é uma anja guardiã orante, que zela pela moral e pelos valores cristãos. Uma segunda, localizada a direita, é a alegoria do heroísmo, destacada por uma jovem com o semblante triste e no seu colo encontra-se uma coroa de louros. A coroa de louros, símbolo da vitória e da glória, na antiguidade clássica era uma homenagem atribuída a heróis e atletas.

A alegoria da esquerda representa o saber. Também pode ser interpretada como Clio, a musa da história, pois apresenta dois livros fechados. O livro que está ao seu colo representando a história da Revolução Farroupilha (1835-1945), onde foram moldados princípios como cidadania, liberdade, separatismo e liderança política no Rio Grande do Sul. O outro livro que está debaixo do pé da musa refere-se à Guerra do Paraguai (1864-1870).

Nessa representação Clio ocupa seu lugar de guardiã da tradição, sendo ela a responsável de perpetuar a história do herói ilustrado que escolheu a Rainha da Fronteira como sua última morada.





*Diones Alves*



*Diones Alves*



*Diones Alves*



*Diones Alves*



## *A simplicidade ativa do visconde*

Continuando a visita ao nosso museu a céu aberto nos deparamos com um mausoléu que se destaca pela sua simplicidade e altivez. O mausoléu em mármore é uma capela neoclássica que apresenta colunas inspiradas na estética dórica, tem no seu frontão uma coroa com pequenas flores que, para o cristianismo, simboliza a salvação alcançada ou ainda a saudade. Sob a capela tochas acesas representam a iluminação espiritual e o conhecimento. Entre elas o resto de uma cruz, que significa a morte e a ressurreição de Cristo.

A quem pertence? A João da Silva Tavares, o Visconde de Serro Alegre, comandante da divisão de cavalaria do exército imperial brasileiro. Um dos nobres da Rainha da Fronteira.

A nobreza tem suas origens no período medieval, no qual a fidelidade entre os senhores e guerreiros era garantida pelo pacto militar de suserania e vassalagem. O suserano protegia, dava sustentação jurídica e terra enquanto que em troca o vassalo prestava obrigações militares. Era uma forma de garantir a proteção mútua e a estabilidade administrativa e social.

Essa estrutura tornou-se mais complexa a partir do Império Carolíngio, quando Carlos Magno organizou a administração de seus domínios em três esferas: condados, governados pelos condes; governos provinciais, controlados pelos duques; e as marcas, governos militares que tinham como função defender fronteiras.

No período moderno devido à centralização do poder nas mãos do rei e o crescimento da corte, a nobreza passou a ser também palaciana (viviam nas cortes sustentados pelos monarcas) e togada (compravam os títulos nobiliários).

No Brasil, a nobreza iniciou sua formação com D. João VI e foi mantida durante o I e II Império, seguindo a estrutura portuguesa: duques, marqueses, condes, viscondes e barões. Era um título concedido pelo monarca ao súdito por serviços prestados a coroa, mas existiam também aqueles que eram comprados. Em nenhum dos casos o título era hereditário.

João da Silva Tavares recebeu seus títulos nobiliários pelos serviços prestados a monarquia e a integridade do Império. Em 1859, o de Barão de Serro Alegre e, em 1870, ao final da Guerra do Paraguai, lhe foi auferido o título de “Visconde com Grandeza”. Essa distinção autorizava usar em seu brasão de armas a coroa do título superior, no caso o de conde. Por seus feitos também recebeu as comendas de Comendador da Ordem de Cristo e Cavaleiro da Ordem de Aviz.

Podemos observar que seu mausoléu não tem nenhuma alusão iconográfica aos títulos, a única referência é a identificação: “Sepulcro do Visconde de Serro Alegre e sua família”.

Mas um fato chama a atenção daqueles que andam pelas ruelas do cemitério: o Visconde descansa próximo de seu inimigo de guerra o General Antônio de Souza Netto.

Grande ironia do destino!

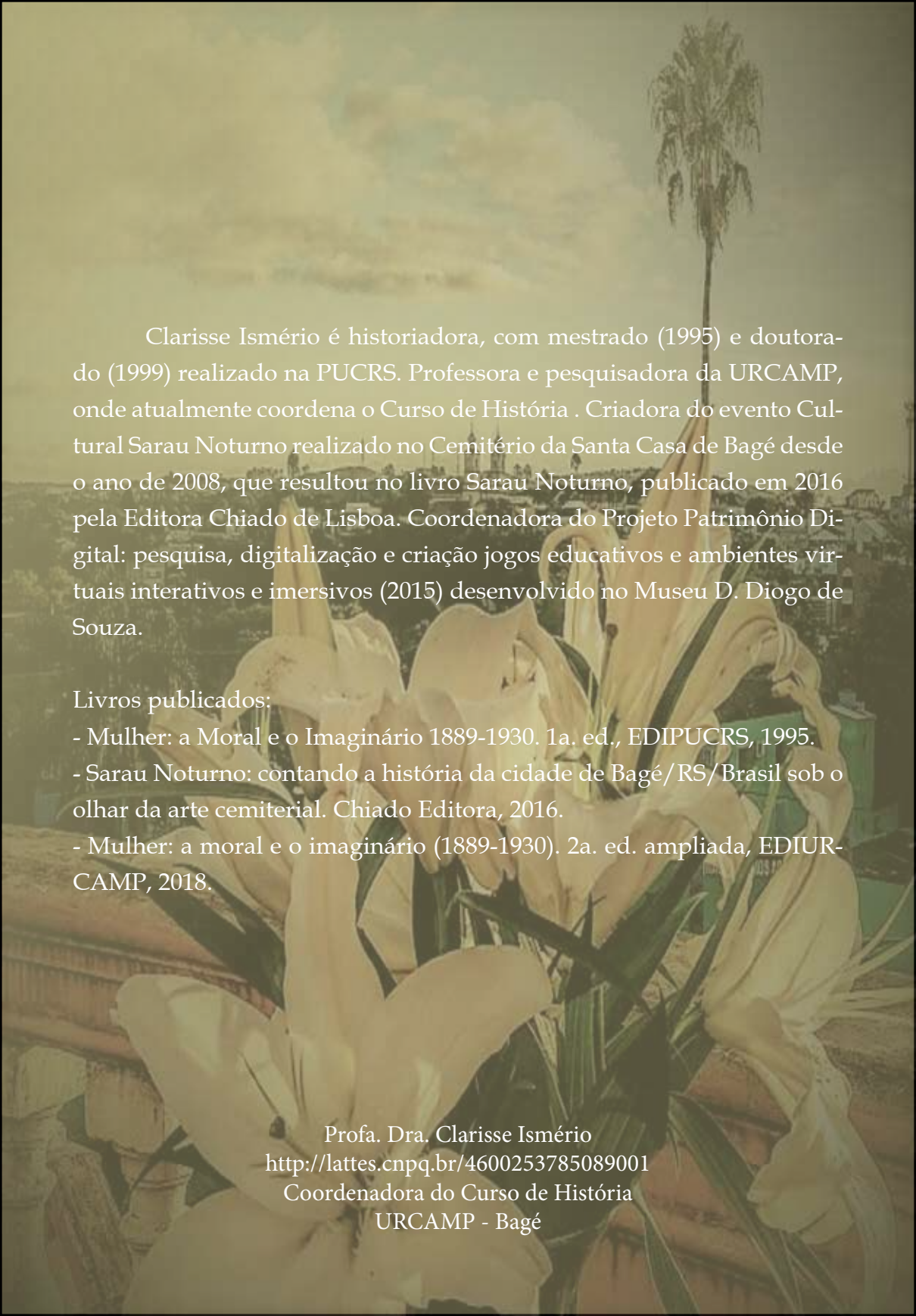


*Douglas lemos de Quadros*

## Referências

- FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. Inventário Cultural de Bagé. Bagé, RS: Praça da Matriz, 2005.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Fundamentos da educação patrimonial. Ciências e Letras (Porto Alegre), n.27, 2000: 25-35.
- HORTA, Maria de Lourdes, GRUMBERT, Evelina & MONTEIRO, Adriane Gia Bário. Guia Básico da Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, 1999.
- ISMÉRIO, Clarisse. Sarau Noturno. Lisboa: Chiado, 2016.
- ISMÉRIO, Clarisse. Mulher: A Moral e o Imaginário 1889-1930. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- ISMÉRIO, Clarisse . As representações do feminino na educação rio-grandense segundo o discurso positivista (1889-1930). Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 1, p. 2, 2007.
- ISMÉRIO, Clarisse . Preservando a Arte Cemiterial: História, representações e influências na arte cemiterial no Rio Grande do Sul. Revista Congrega URCAMP 2008, v. 4, p. 271, 2008.
- ISMÉRIO, Clarisse ; CAMARGO, Veronice . Educação patrimonial: alfabetização cultural e desenvolvimento sustentável. Revista Congrega Urcamp (CD-Rom), v. 3, p. 28, 2009.
- METÁFORAS E REPRESENTAÇÕES NA CIDADE DOS MORTOS  
[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(16\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(16).pdf)
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LIEMESZEKI, Cláudio L. Bagé. Relatos de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- NPHTT, Núcleo de Pesquisas Históricas Tarcício Taborda. Projeto Passeio Cultural Bagé. Março de 1997 (Apostila)
- SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950). Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre: 2001.
- SOARES, Fernanda. Santa Thereza: Um estudo sobre as Charquedas da Fronteira Brasil - Uruguai. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 2006.





Clarisse Ismério é historiadora, com mestrado (1995) e doutorado (1999) realizado na PUCRS. Professora e pesquisadora da URCAMP, onde atualmente coordena o Curso de História . Criadora do evento Cultural Sarau Noturno realizado no Cemitério da Santa Casa de Bagé desde o ano de 2008, que resultou no livro Sarau Noturno, publicado em 2016 pela Editora Chiado de Lisboa. Coordenadora do Projeto Patrimônio Digital: pesquisa, digitalização e criação jogos educativos e ambientes virtuais interativos e imersivos (2015) desenvolvido no Museu D. Diogo de Souza.

Livros publicados:

- Mulher: a Moral e o Imaginário 1889-1930. 1a. ed., EDIPUCRS, 1995.
- Sarau Noturno: contando a história da cidade de Bagé/RS/Brasil sob o olhar da arte cemiterial. Chiado Editora, 2016.
- Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930). 2a. ed. ampliada, EDIUR-CAMP, 2018.

Profa. Dra. Clarisse Ismério  
<http://lattes.cnpq.br/4600253785089001>  
Coordenadora do Curso de História  
URCAMP - Bagé